
Contribuições de Stáline

para a Ciência Militar e Política Soviética (VII)*

Ulrich Huar

Capítulo V

«O Ano de 1945»

É este o título do segundo volume de memórias de Ivan Stepanovitch Kóniev, marechal da União Soviética, comandante da 1ª Frente Ucraniana, que escolhi para a última parte do meu estudo sobre a contribuição de Stáline para a teoria militar e política marxista-leninista.

Contudo, as operações militares nas guerras dificilmente se deixam periodizar de acordo com o fim de um velho e o início de um novo ano, e assim a definição de 1945 como ano separador tem um carácter um pouco arbitrário. Mas as divisões são decididas depois de um ou outro acontecimento, de uma ou outra data, e são simplesmente pontos metódicos de orientação para a análise de processos históricos.

Retrospectiva e Perspectiva 1944/45

O ponto de partida para o «ano de 1945» é o discurso de Stáline no 27.º aniversário da Grande Revolução de Outubro, em 6 de Novembro de 1944¹, no qual expõe, numa retrospectiva dos primeiros três anos da Grande Guerra Pátria, a situação alcançada na «*ofensiva generalizada*», que ficou na história da guerra como a «*estratégia dos dez golpes*», a situação político-militar no início de 1945, assim como os traços principais da política do governo soviético para a constituição da ordem internacional do pós-guerra, como a veio a apresentar na Conferência da Crimeia, em Fevereiro de 1945, perante Roosevelt e Churchill.

* Com a presente tradução prosseguimos a publicação da obra referenciada do historiador alemão Ulrich Huar (1924-2008), da qual já se encontram publicados, em *Para a História do Socialismo*, os capítulos I e IV, num total de seis partes. Este texto é a parte inicial do capítulo V e último desta obra. (N. Ed.)

¹ SW 14/pp. 356-370. [O autor cita a edição alemã das *Obras* de I.V. Stáline (N. Ed.)]

Stáline diferenciou três períodos na guerra até esse momento. Ao primeiro período pertenciam «*os primeiros dois anos de guerra*», a ofensiva das tropas alemãs, o seu avanço na União Soviética, os combates defensivos do Exército Vermelho.

O segundo período é o terceiro ano da guerra, o «*ano da reviravolta fundamental*», no qual o Exército Vermelho conduziu poderosíssimas ofensivas, libertou dois terços do solo soviético. Durante este período o Exército Vermelho conduziu a guerra contra as tropas alemãs «*ainda um contra um, sem apoio sério por parte dos aliados...*».

Chamou terceiro período ao «*quarto ano da guerra*», «*um ano de vitórias decisivas dos exércitos soviéticos e dos exércitos dos nossos aliados...*».

Os alemães tinham agora de conduzir a guerra em duas frentes. As tropas alemãs foram expulsas da União Soviética, França, Bélgica e Itália meridional, os combates estenderam-se ao solo alemão.

Segue-se a enumeração dos «*dez golpes*» com os seus resultados, assim como as baixas humanas e materiais dos alemães e dos seus aliados.

A Conferência de Teerão (28 de Novembro – 1 de Dezembro 1943) não terminou «*sem resultados. A deliberação da Conferência de Teerão sobre um ataque conjunto à Alemanha pelo Oeste, Leste e Sul foi implementada com impressionante pontualidade.*»²

Stáline elogiou a invasão dos aliados anglo-americanos, em 6 de Junho de 1944, «*uma operação de desembarque de maciça*», cuja «*organização e dimensão são únicas na história e ultrapassou magistralmente as fortificações alemãs.*»³

Sem a formação da 2ª frente na Europa, que *amarrrou* 75 divisões alemãs, as tropas soviéticas não teriam «*em tão curto espaço de tempo rompido a resistência das tropas alemãs e podido expulsá-las da União Soviética.*» E inversamente, «*sem as poderosas ofensivas do Exército Vermelho, no Verão desse ano, que amarraram 200 divisões alemãs*», as tropas anglo-americanas não teriam «*podido vencer (...) tão rapidamente as tropas alemãs.*»⁴

Eram afirmações muito diplomáticas, com as quais Stáline dava a entender quem, mesmo depois da invasão a Ocidente, aguentava o maior peso da guerra.

Pode acrescentar-se que os êxitos das forças armadas soviéticas, que tinham demonstrado capacidade suficiente para libertar a Europa do imperialismo fascista alemão, levaram os aliados ocidentais a implementar a invasão para «*chegar antes dos russos*».

Naturalmente, Stáline também sabia isto ao referir discretamente as 200 divisões alemãs na frente germano-soviética. Mais claro foi na sua afirmação: «*Hoje todos reconhecem que a luta abnegada do povo soviético salvou a civilização europeia dos fascistas. É isto que constitui o maior mérito do povo soviético perante a história da humanidade.*»⁵

Passados 60 anos da libertação do fascismo, parece-me ser necessário sublinhar isto, perante a repetida asseveração de que a Europa foi libertada pelos americanos. O sublinhar do mérito histórico mundial do povo soviético não significa de forma

² Idem, ibidem, p. 360.

³ Idem, ibidem.

⁴ Idem, ibidem.

⁵ Idem, ibidem, p. 364. Sublinhado meu.

nenhuma diminuir ou negar a contribuição excepcional das tropas anglo-americanas durante a invasão em Itália ou em outras frentes. Tiveram uma participação significativa na derrota da Alemanha fascista que se deve louvar.

Fala-se em divergências de opinião entre os Aliados. Existiram e existiriam no futuro. Não se tratava de divergências de opinião, mas sim que elas não «*ultrapassassem o quadro do admissível no interesse da união das três potências e que por fim fossem resolvidas no interesse dessa união*».⁶

Os fascistas hitlerianos tentaram por diversas vezes dividir as nações e colocá-las umas contra as outras. É compreensível. A união dos Aliados era o maior perigo para os fascistas, cuja separação seria para eles o maior êxito militar e político. Os esforços dos políticos fascistas nesta direcção não tiveram êxito. A união da União Soviética, Grã-Bretanha e EUA não se baseava em «*razões ocasionais e passageiras (...), mas sim em interesses vitais e duradouros*.» Esta união irá «*sobreviver às provas da fase final da guerra*».⁷

Stáline evitou referir, nas suas observações, os interesses de classe contraditórios existentes no interior da coligação anti-hitleriana entre a União Soviética e os Aliados ocidentais. Nesta altura, o interesse comum na derrota da Alemanha fascista – e do Japão! – ainda era dominante perante as contradições de classe. As especulações de Hitler e Goebbels de que as contradições de classe levariam inexoravelmente à separação da coligação anti-hitleriana, eram nesta altura completamente irrealistas. Hitler e Goebbels invocaram repetidamente nos seus discursos e proclamações «*o milagre da divina providência*». No seu discurso de Ano Novo, a 1 de Janeiro, ao povo alemão, Hitler declarou que ao ano de 1945 seria «*o ano de uma viragem histórica*».⁸ No diário de Goebbels de 1945 encontram-se várias notas sobre a esperança num «*milagre*» político, uma repetição do «*milagre da casa Brandeburgo*» na Guerra dos Sete Anos (1756-1763), do comportamento dos romanos durante o cerco à sua cidade pelas tropas de Aníbal, na Segunda Guerra Púnica (218-201 a.n.E).⁹

«*Por que razão*», escreveu Goebbels ainda a 24 de Março no seu diário, «*não devemos esperar uma idêntica maravilhosa mudança das coisas*»¹⁰. A 5 de Março,

⁶ Idem, ibidem, p.365.

⁷ Idem, ibidem, p. 366.

⁸ Max Domarus: *Hitler, Discursos e Proclamações, tomo II. Declínio. Segundo Volume, 1941-1945*, Wiesbaden, 1973, p. 2213.

⁹ Idem, ibidem, p. 2187.

¹⁰ Joseph Goebbels Tagebuecher 1945. Introdução de Rolf Hochhuth, 2ª edição, Hamburgo, 1977, pp. 72, 110, 116, 249, 363. Na batalha de Canaã (216 a.n.E), os romanos sofreram uma derrota esmagadora na Segunda Guerra Púnica. Os cartagineses, comandados por Aníbal, encontravam-se perante as portas de Roma. Os romanos puderam, no entanto, defender a sua cidade. De acordo com a lenda, os gansos começaram a grasnar quando os cartagineses queriam, durante a noite, escalar os muros da cidade e acordaram os romanos. Este foi o «*milagre*» da Segunda Guerra Púnica. O prussiano, Frederico II, o Grande, aproximava-se do seu fim na fase final da Guerra dos Sete Anos (1756-1763). Estava «*em agonia e esperava os últimos sacramentos*». A 12 de Janeiro morreu a czarina Elisabete. O seu sucessor, Pedro III, um admirador de Frederico, terminou de imediato a guerra contra a Prússia, safando-o assim de uma derrota esmagadora. Este foi o «*milagre*» da Casa Brandeburgo.

Goebbels ainda acreditava, referindo-se a Hitler, numa mudança na política da guerra através de «*conversações com Stáline*».¹¹

Assim também Stáline anotou: «*Ganhar a guerra contra a Alemanha significa completar uma grande obra histórica. Mas ganhar a guerra ainda não significa assegurar aos povos uma paz duradoura e uma segurança fidedigna para o futuro. A tarefa não consiste unicamente em ganhar a guerra, mas também em tornar impossível o aparecimento de uma nova agressão e uma nova guerra se não para sempre, pelo menos durante um longo espaço de tempo.*»¹²

Existia uma única forma para alcançar paz e segurança para os povos: «*criar uma organização especial de representantes das nações amantes da paz para proteger a paz e a garantia de segurança, disponibilizar ao seu órgão dirigente o mínimo necessário em Forças Armadas para prevenção de uma agressão e comprometer esta organização a utilizar de imediato estas Forças Armadas na prevenção e liquidação da agressão e na punição dos responsáveis pela agressão.*»¹³

Uma tal organização não devia ser, no entanto, uma repetição da Sociedade das Nações «*de má memória*». Stáline concluía com a questão: «*É de contar que a actuação desta organização internacional venha a ser suficientemente eficaz? Será eficaz se as grandes potências, em cujos ombros repousou o fardo principal da guerra contra a Alemanha hitleriana, continuarem a colaborar no espírito da unanimidade e entendimento. Será ineficaz se esta condição necessária for posta em causa.*»¹⁴

A eficácia de uma tal organização está assim dependente das condições referidas. Stáline deixou em aberto a questão se um tal «*entendimento*» das três grandes potências poderia continuar a existir depois da guerra.

A «Fase Final» da Guerra

Esta formulação não significa que a guerra já se encontrasse no fim, que já não se lutasse violentamente nas frentes. De acordo com os historiadores militares da RDA Gerhard Förster e Richard Lakowski, a indústria de armamento alemã ainda produzia em Janeiro de 1945 mais do dobro do que em Janeiro de 1942. Na verdade, a curva da produção de armamento mostra, desde Agosto de 1944, uma constante tendência de diminuição, apesar de a produção de armas ainda ter aumentado até Dezembro de 1944, e para alguns tipos de armas até Fevereiro/Março de 1945.¹⁵

A resistência do Exército fascista alemão ainda não estava definitivamente quebrada, pelo contrário, em algumas zonas das frentes Leste e Oeste ainda se intensificou. «*O fascismo procurou adiar a catástrofe inevitável com acentuadas medidas desesperadas*», escreveu o marechal Júkov. «*A Alemanha ainda era capaz, no final de 1944, de combates de defesa e resistia activamente. As suas Forças Armadas*

¹¹ Joseph Goebbels, *Diários*, p. 363.

¹² SW 14/367.

¹³ Idem, *ibidem*, p. 369.

¹⁴ Idem, *ibidem*.

¹⁵ Gerhard Förster/Richard Lakowski: *1945. O Ano da Derrota Final da Wehrmacht. Documentos*, Berlim, 1975, p. 33.

*ainda possuíam mais de 7,5 milhões de homens dos quais 5,3 milhões operacionais. Como antes, o comando fascista mantinha agora, nas etapas decisivas, a maior parte das suas tropas na frente germano-soviética, cerca de 3,1 milhões de homens, 28 500 peças de artilharia e lança-granadas, cerca de quatro mil tanques e canhões autopropulsores, perto de dois mil aviões. Tem de se ter em conta que a frente germano-soviética se reduzira em cerca de 50 por cento, pelo que a concentração de defesa era extremamente grande.»*¹⁶ As tropas soviéticas e os aliados em França eram «*superiores em todos os aspectos*» às tropas alemãs. As forças armadas operacionais soviéticas contavam cerca de seis milhões de homens nos finais de 1944, dispunham de mais de 91 400 peças de artilharia e lança-granadas, cerca de 11 mil tanques e canhões autopropulsores, mais de 14 500 aviões. Para além disso ainda havia reforços de tropas polacas, checoslovacas, romenas e búlgaras, cerca de 320 mil homens, assim como aviadores franceses do regimento de caças «*Normandia-Njemen*», que combatiam na unidade da 3ª frente na Bielorrússia.

Na frente Oeste encontravam-se 87 divisões bem armadas de tropas americanas, britânicas e francesas, com 6500 tanques e mais de dez mil aviões. Em Itália, os Aliados possuíam mais de 21 divisões e nove brigadas, perante 31 divisões alemãs incompletas.¹⁷

De acordo com o marechal Kóniev, comandante da 1ª Frente Ucraniana, as tropas alemãs na sua zona da frente – no curso superior do rio Vístula, a Norte da zona industrial da Alta Silésia, antes da cabeça-de-ponte de Sandomierz, na margem ocidental do Vístula – eram constituídas, no final de Janeiro de 1945, por cerca de cem mil homens, nove divisões de infantaria e duas divisões de tanques, vários grupos de combate (unidades constituídas com restos de divisões dispersas e derrotadas) duas brigadas autónomas, seis regimentos autónomos e 22 batalhões autónomos. Tinha de contar-se com a chegada de mais duas ou três divisões de infantaria.¹⁸

O alto comando das Forças Armadas alemãs (*Wehrmacht*) estava decidido a manter de todas as formas a zona industrial da Alta Silésia. A sua capacidade de produção seguia-se à da zona do Ruhr, já ameaçada pelos Aliados.¹⁹

Kóniev fez uma muito cuidada avaliação da moral das tropas alemãs. Nem todos os alemães tinham já consciência do declínio da Alemanha fascista. «*A situação difícil ainda não influencia substancialmente o comportamento dos soldados alemães no campo de batalha. Como sempre, combatem corajosamente e caracterizam-se mesmo, principalmente na defesa, por uma firmeza fanática. A organização do exército esteve sempre à altura; as divisões estavam completas e dispunham de quase todo o armamento e equipamento.*»

Ainda não se podia falar de um colapso moral das Forças Armadas fascistas. Kóniev justificava-o com a propaganda de Goebbels e com as duras represálias a que estavam sujeitos os soldados alemães. «*A ofensiva nas Ardenas provocou até um perceptível ímpeto moral. De acordo com declarações de prisioneiros, estava muito divulgada, entre os soldados e oficiais, a ideia de que o comando alemão venceria*

¹⁶ G.K. Júkov: *Recordações e Reflexões*, tomo II, Moscovo, 1969 – Berlim, 1973, 4ª edição revista, p. 241 e seg.

¹⁷ Idem, ibidem, p. 242 e seg.

¹⁸ I.S. Kóniev: *O Ano de 1945*, Moscovo, 1966 – Berlim, 1982, 4.ª edição, p. 31.

¹⁹ Idem, ibidem, p. 26 e seg.

os Aliados nas Ardenas, obrigá-los-ia a uma paz separada para depois utilizar todas as suas forças em todas as frentes contra a União Soviética. Estes boatos corriam mesmo depois de a ofensiva nas Ardenas ter colapsado.»²⁰

Júkov, pelo contrário, escreveu: *«Entre todos os prisioneiros que interrogámos não houve um que ainda acreditasse na vitória. Os fascistas reprimiam com as medidas mais duras toda a dissidência e actuavam de forma implacável contra todos os que duvidavam do seu regime.»²¹*

Esta avaliação de Júkov referia-se ao período antes da ofensiva nas Ardenas. O marechal Bagramian, comandante da 1.^a Frente Báltica, relata também a forte resistência das tropas alemãs no fim de 1944, início de 1945, na Prússia Oriental e em Kurland. *«Mais de 30 divisões fascistas plenas, apinhadas num espaço limitado [em Kurland, UH], resistiam desesperadamente. Para além disso, esperavam ainda uma evacuação através do mar e assim evitavam pensar na possibilidade de ser feitos prisioneiros. A propaganda de Goebbels ainda funcionava.»²²*

O marechal Moskalenko, comandante do 38.^o Exército da 4.^a Frente Ucraniana, considerava que o moral das tropas fascistas alemãs já se encontrava muito abalado na sua zona de combate no Leste da Eslováquia. *«O número de soldados alemães que se entregavam aumentou. As suas declarações denunciavam enormes depressões.»* Ele cita declarações de prisioneiros de acordo com material de arquivo: *«"Por que crimes somos obrigados a estar aqui?", perguntavam os soldados alemães... Excepto os novatos, ninguém acredita numa vitória da Alemanha. Os soldados só pensam em como salvar a sua pele (...) A disposição dos soldados na frente, aqui nos Cárpatos, resulta do cansaço permanente em que se encontram (...) Na verdade, a esperança dos soldados na vitória há muito que foi para o inferno. E por isso há sempre novas deserções, apesar da disciplina férrea. Em Novembro, foi executado um soldado da 4.^a Companhia. Foi acusado de traição e desmoralização.»²³*

Numa carta do chefe do Alto Comando do grupo do Exército Vístula, da SS e general da Polícia, Heinz Lammerding, a Heinrich Himmler, chefe da SS, de Fevereiro de 1945, escreve-se: *«A impressão geral que tive nos últimos dias é que nos encontramos numa profunda crise de comando da Wehrmacht. O corpo de oficiais já não controla a tropa. Na própria tropa surgem sinais de desagregação horríveis. Não são casos isolados, os soldados que despem o uniforme e procuram obter, por todos os meios, roupas civis para desertar. Constatou-se também sem margem para dúvidas que em muitas colunas de refugiados se esconderam soldados vestidos à civil para partirem com elas.»²⁴*

Numa linha de frente com 1200 quilómetros de extensão, os exércitos das Forças Armadas soviéticas estavam preparados, em Janeiro de 1945, para derrotar definitivamente o regime fascista na Alemanha. As três frentes da Bielorrússia e a 1.^o Exército Ucraniano tinham de conduzir o ataque principal. A 1.^a Frente Bielorrussa, co-

²⁰ Idem, ibidem, p. 27.

²¹ Júkov, ibidem, p. 144.

²² I.Kh. Bagramian: *Assim Avançámos Para a Vitória*, Moscovo, 1977 – Berlim, 1984, p. 429.

²³ K.S. Moskalenko: *Na Direcção Sudoeste*, tomo II. Moscovo 1975/Berlin 1979, p. 508.

²⁴ Citado de acordo com Förster/Lakowski, ibidem, p. 44.

mandante Júkov, e a 1.^a Frente Ucraniana, comandante Kóniev, em direcção a Berlim e Viena, a 3.^a Frente Bielorrussa, comandante Tcherniakhóvski, e parte da 2.^a Frente Bielorrussa, comandante Rokossóvski, em direcção à Prússia Oriental.

As ofensivas das frentes deviam iniciar-se a 20 de Janeiro de 1945. Por ordem de Stáline, a data dos ataques teve de ser antecipada cinco dias, apesar das más condições meteorológicas, que não permitiam a utilização de meios aéreos. As tropas anglo-americanas, na frente Oeste, encontravam-se em situação difícil por causa da ofensiva nas Ardenas. Não existiu um pedido directo para antecipar a ofensiva na frente germano-soviética, mas na sua mensagem a Stáline, de 6 de Janeiro, Churchill dava a entender que ficaria agradecido a Stáline se ele o pudesse informar «*se em Janeiro podemos contar com uma grande ofensiva russa na frente do Vístula ou noutra zona...*» Ele considerava o assunto «urgente».²⁵

Na sua resposta a Churchill, de 7 de Janeiro, Stáline esclarece: «*Preparamo-nos para a ofensiva, mas as condições meteorológicas de momento não favorecem o nosso ataque. O Quartel-General, porém, tendo em conta a situação dos nossos aliados na frente Oeste, decidiu acelerar os preparativos finais e, sem tomar em consideração o tempo, iniciar o mais tardar na segunda metade de Janeiro, vastas operações ofensivas contra os alemães em toda a zona central da frente. Não duvide de que tudo faremos para apoiar as tropas gloriosas dos nossos aliados.*»²⁶

A ofensiva nas Ardenas

A 16 de Dezembro de 1944, o Quartel-General da *Wehrmacht*, por ordem de Hitler, iniciou uma ofensiva na frente oeste com o objectivo de forçar o rio Mosa e avançar para Antuérpia. Depois de as tropas alemãs terem avançado cerca de cem quilómetros, e as suas frentes se terem aproximado a cerca de seis quilómetros do Mosa, foram paradas pelas tropas americanas. A 28 de Dezembro, numa reunião de análise da situação, Hitler teve de admitir que esta brecha na direcção de Antuérpia tinha falhado.²⁷

Apesar deste fracasso, o Quartel-General iniciou em 31 de Dezembro uma nova ofensiva, desta vez na Alsácia sob o nome «*Vento do Norte*». A 1 de Janeiro de 1945, o Quartel-General atacou, juntamente com a ofensiva na Alsácia, com meios aéreos os aeroportos dos aliados na Bélgica e na Holanda. O Quartel-General utilizou todos os meios aéreos disponíveis, cerca de mil aviões. Destruíram 260 aviões dos Aliados ocidentais e perderam só 93 aviões. Os americanos e britânicos puderam, na verdade, substituir rapidamente as suas perdas, o que já não foi tão fácil para a força aérea alemã. No voo de regresso, os aviões alemães foram atingidos pelos próprios canhões anti-aéreos e perderam 200 aviões. Assim também este ataque da Força Aérea alemã foi de êxito bastante duvidoso.

²⁵ *Correspondência entre Stáline e Churchill, Attlee, Roosevelt e Truman 1941 - 1945*. Publicado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros da USSR, Moscovo, 1957 – Berlim, 1961, p, 363.

²⁶ *Idem, ibidem*, p. 363 e seg.

²⁷ *Reuniões de análise da situação de Hitler. Os fragmentos dos protocolos das suas conferências militares 1942-1945*, editado por Helmut Heiber, Estugarda, 1962, p. 74.

Apesar de o objectivo da ofensiva alemã não ter sido atingido, a situação das tropas anglo-americanas na frente Oeste sofreu «*uma alteração embaraçosa*»²⁸, como escreveu Churchill nas suas memórias. Os aliados ocidentais tinham «*sofrido um revés estratégico*»²⁹. A ofensiva das Ardenas foi «*para nós um sério golpe*». «*Rebentou uma crise sobre nós*»³⁰. A ofensiva das Ardenas «*preocupou-nos. Adiou o nosso avanço...*»³¹. A 7 de Janeiro, o general Eisenhower declarou: «*Por detrás da actual ofensiva parece estar um fanatismo ou uma “fúria alemã” e eu não duvido que os alemães concentrem todas as suas forças para alcançar rapidamente uma vitória a Oeste. A batalha das Ardenas, na minha opinião, representa só um episódio e devemos esperar outras tentativas noutras regiões.*»³²

Eisenhower não dispunha de muitas reservas. Tinha de pedir a Washington tropas suplementares, mas que só deveriam chegar à Europa Ocidental em meados de Fevereiro. Numa carta para o Quartel-General dos Aliados, Eisenhower escreveu: «*A situação tensa podia ser sensivelmente aliviada se os russos iniciassem uma grande ofensiva...*»³³. Esta foi a situação que levou à troca de correspondência entre Churchill e Stáline já citada. A 14 de Janeiro, Eisenhower enviou ao chefe do Estado-Maior das Forças Armadas soviéticas um telegrama: «*A notícia importante de que o esplêndido Exército Vermelho avançou num novo campo de batalha foi recebida com entusiasmo por todos os exércitos aliados. Permito-me saudá-lo e desejar-lhe os maiores êxitos a si e a todos os que dirigem e participam nesta esplêndida ofensiva.*»³⁴

Churchill anotou a 18 de Janeiro na Câmara dos Comuns: «*O Marechal Stáline é muito pontual. Prefere adiantar-se do que atrasar-se na colaboração com os aliados.*»³⁵

A ofensiva soviética obrigou o Quartel-General da *Wehrmacht* a deslocar, entre 15 e 31 de Janeiro, oito divisões, entre as quais quatro divisões de blindados e uma divisão de infantaria motorizada com 800 blindados para a frente germano-soviética. A frente Oeste teve poucas substituições, em Janeiro 291 blindados, 1328 na frente germano-soviética.³⁶

A ofensiva soviética tinha levado o Quartel-General da *Wehrmacht* a abdicar de novas acções ofensivas.

²⁸ Winston S. Churchill, *A II Guerra Mundial*. Versão revista pelo próprio Churchill num único volume das suas *Memórias* em 12 volumes, Outubro, 2003, p. 997.

²⁹ Idem, *ibidem*, p. 998.

³⁰ Idem, *ibidem*, p. 1000.

³¹ Idem, *ibidem*, p. 1003.

³² *The Papers of Dwight D. Eisenhower: The War Years*, Tomo 4, Baltimore - Londres 1970, p. 2407. Citado de acordo com *História da II Guerra Mundial em XII Volumes*, 10/288.

³³ Idem, *ibidem*.

³⁴ *The Papers of Dwight D. Eisenhower: The War Years*, Tomo 4, Baltimore - Londres 1970, p. 2407. Citado de acordo com *História da II Guerra Mundial em XII Volumes*, 10/289.

³⁵ Winston S. Churchill, *Discursos 1945, Vitória Final*, Charles Eade, Zurique, 1950, p. 47.

³⁶ *História da II Guerra Mundial em XII Volumes*, 10/290.